

Este artigo se propõe a apresentar a Pedagogia Waldorf e seu compromisso em proporcionar uma formação integral aos educandos através de uma educação que rompe com o paradigma fabril, que é baseada na experiência concreta e que favorece a criatividade dos estudantes, bem como o papel que o professor Waldorf exerce como mediador das aprendizagens, o que indica a existência da Inovação Pedagógica.

Para entender a Pedagogia Waldorf, tanto do ponto de vista teórico-filosófico, quanto do ponto de vista prático, é necessário conhecer sua origem e a motivação do seu surgimento. Isso também permitirá fazer uma relação com a principal linha de pesquisa deste trabalho que é a Mediação e a Inovação Pedagógica. Fundamentalmente, para conhecê-la, é preciso aprofundar-se na obra de Rudolf Steiner que é o mentor dos princípios da própria pedagogia e sua aplicação nas chamadas Escolas Waldorf. Além de embrenhar-se na obra de Steiner, também é imperativo ter como fundamento teórico diversos estudiosos, inclusive os brasileiros, que têm se dedicado ao estudo dessa pedagogia que objetiva formar pessoas e não apenas informar, como fazem as escolas tradicionais, que focam suas práticas no ensino e não na aprendizagem.

1. MAS AFINAL, O QUE É A PEDAGOGIA WALDORF?

A Pedagogia Waldorf pode ser considerada uma teoria educacional ou pedagógica que nasceu na Alemanha, no início do século XX, tendo como criador Rudolf Steiner, que a partir da insatisfação dele com o modelo de educação vigente naquele período começou a pensar num modelo que rompia com os padrões da época, onde a escola tinha como missão apenas preparar a mão de obra para trabalhar nas fábricas, sem ter uma preocupação com a formação do indivíduo e não do futuro empregado.

A primeira Escola Waldorf foi fundada no ano de 1919, no período pós Primeira Guerra, em Stuttgart, Alemanha. Diferente do que todos pensam o nome dessa pedagogia não se deve ao nome do seu “criador”, mas se deve à origem da primeira escola que foi organizada para atender aos filhos dos operários da fábrica de cigarros Waldorf – Astoria, a pedido de Emil Molt, que era o chefe da empresa. Carlgren e Klingborg (2006) relatam o surgimento desta escola e segundo esses autores ela é fruto da insatisfação dos operários com o modelo de escola vigente naquela época, bem como fruto do movimento da trimemoração social defendido por Steiner, “que considera e trata as áreas da vida econômica, jurídica e espiritual como três funções sociais existentes lado a lado e administradas de forma autônoma” (CARLGREN e KLINGBORG, 2006, p.10), diferente do que se propunha naquele período, quando ainda vigoravam os princípios do Estado Moderno em que as três áreas vitais da sociedade – as esferas da vida espiritual-cultural, econômica e jurídico-política - cada qual com sistemática própria, eram administradas num sentido único, de forma centralizada.

Segundo Rudolf Lanz, no prefácio do seu livro Pedagogia Waldorf – caminho para um ensino mais humano, “o que distingue a Pedagogia Waldorf de outras teorias Pedagógicas é o fato de ela se basear numa observação íntima do ‘ser criança’ e das condições necessárias ao desenvolvimento infantil” (LANZ, 1998, p.11). Sem partir desse conhecimento se torna impossível compreender o que Steiner propõe.

Steiner constrói sua proposta de educação a partir de uma complexa ciência espiritual, a Antroposofia, que segundo o próprio Steiner é uma ciência que “pode contribuir para a solução das mais importantes tarefas da humanidade atual e para o desenvolvimento de seu bem estar” (STEINER, 1996, p. 11), devendo para isso ter por tarefa “oferecer uma cosmovisão prática, que abranja a essência da vida humana.” (ibidem, p.10).

O termo Antroposofia vem do grego *anthropós*, homem, e *sophia*, sabedoria e é uma filosofia de vida que busca compreender o ser humano em sua plenitude. Ela reúne pensamentos científicos, artísticos e espirituais em uma única unidade, objetivando responder questões sobre o próprio ser humano, sua existência e sua relação com o universo.

Conforme Lanz (1998, p.11) “a Antroposofia tem por centro uma imagem do ser humano distinta dos conceitos que a civilização atual elabora a seu respeito”, vendo-o sob um ângulo mais amplo.

A priori, pode parecer que a Pedagogia proposta por Steiner é a aplicação da Antroposofia ou a tentativa de induzir as crianças que vivenciam essa pedagogia a uma “religião” ou “seita religiosa”. No entanto, diante das diversas leituras feitas fica claro que ela é um princípio filosófico e espiritual que permite a percepção ou a compreensão do indivíduo como um ser completo, com corpo, alma e espírito, que não pode ser desmembrado, e que para a educação da criança acontecer é necessário ter essa compreensão.

O sentido da Pedagogia Waldorf é bem definido: ela resulta da Antroposofia em geral e, em particular, do que esta tem a dizer sobre o desenvolvimento da criança. Isso não significa que se lecionem Antroposofia nas escolas Waldorf. Ao contrário: como veremos a seguir, todas as religiões podem ter seu lugar nas escolas Waldorf. Aliás, a Antroposofia não é uma religião; é uma visão do Universo e do homem obtida segundo métodos científicos. Dessa cosmovisão decorre a imagem do mundo, a própria existência das escolas Waldorf e o trabalho de seus professores. Mas ela não é ensinada aos alunos: respeita-se a liberdade espiritual destes e de seus familiares. (LANZ, 1998, p.79)

A Antroposofia, que é a ciência espiritual que embasa filosófica e espiritualmente a Pedagogia Waldorf, apresenta uma concepção de ser humano livre e diz que nós, enquanto entidades humanas, somos formados por quatro corpos distintos: o corpo físico, o corpo etéreo/ vital, o corpo das sensações / astral e o eu (STEINER, 1996). Para sermos formados plenamente precisamos desenvolver e respeitar as peculiaridades e necessidades de cada um desses, que apesar de serem distintos atuam em constante inter-relação. Cada um desses corpos e suas funções são detalhadamente descrito por Steiner, no entanto, no contexto deste trabalho, não julgamos fundamental fazer essa descrição, pois nosso foco é a Pedagogia Waldorf e não a Antroposofia.

Partindo desses princípios elaboram-se a base da Pedagogia Waldorf, que defende uma educação que permita a formação do ser humano em sua totalidade, revelando assim o caráter holístico que ela tem. Lanz (1998) nos reitera, nesse sentido, que além da constituição quaternária do ser humano, nos quatro corpos distintos que Steiner afirmou termos, nós também desenvolvemos três atividades anímicas, ainda segundo Steiner, que são fundamentais conhecermos para entender esse ser humano que é integral: “o pensar – ao qual se deve juntar a percepção sensorial e a memória -, o sentir e o querer.” (LANZ, 1998, p. 30).

A partir dessa compreensão complexa, ampla e integral do ser humano, baseada na Antroposofia, é que se fundamenta a organização didático-pedagógica da Pedagogia Waldorf

2. PRINCÍPIOS NORTEADORES DA PRÁTICA

Entendendo que a Prática Pedagógica não se pode deter a apenas trabalhar questões cognitivas, relativas ao pensar e ao saber, deve-se também desenvolver o sentir e o querer para que haja formação plena do indivíduo, é necessária uma sistemática própria, diferente daquelas executadas nas demais escolas que dão ênfase ao desenvolvimento do pensar em detrimento das demais áreas que formam o ser humano. Por essa razão, Steiner pensou e desenvolveu a Pedagogia Waldorf, bem como orientou como deve acontecer o dia a dia de uma Escola Waldorf.

A princípio, essa orientação foi dada pelo próprio Steiner em um Curso Pedagógico com a duração de três semanas entre agosto e setembro de 1919 que antecedeu o início das atividades da primeira escola. Esse curso transformou-se em livro – A Arte da Educação – dividido em 03 (três) volumes e é um dos principais fundamentos para conhecer a proposta de Steiner. Essa obra aborda uma discussão, em seu primeiro volume, sobre a antropologia antroposófica como fundamento de uma pedagogia adequada àquela época e ao futuro; o segundo volume trata de toda metodologia e da didática no ensino e na educação Waldorf; no terceiro volume há o registro de um debate entre Steiner e os professores sobre a prática de certas disciplinas, sobre como solucionar diversos problemas educacionais existentes até então.

Nesta obra básica de Steiner e em todas as obras que abordam a Pedagogia Waldorf, fica claro que se parte do princípio que a educação é um processo e que ela não acontece de forma linear. Da mesma forma é o desenvolvimento da criança e segundo Steiner esse desenvolvimento acontece de formas dessemelhantes e com características distintas em diferentes fases da vida, chamadas por ele de setênios, que são períodos de sete anos, cada um deles com peculiaridades e com desafios a serem atingidos.

Os setênios são observados ao longo de toda a vida do indivíduo, no entanto, em se tratando da vida educacional, a Pedagogia Waldorf limita-se a dedicar-se aos três primeiros setênios que vão de zero a vinte e um anos, com o objetivo de em cada período desses uma determinada habilidade ou conjunto de habilidades específicas sejam desenvolvidas, bem como as potencialidades próprias de cada período sejam despertadas.

De acordo com Romanelli (2008, p.54), “cada um dos setênios possui uma meta a ser atingida e uma metodologia para alcançá-la”. A partir daí delinea-se toda a prática pedagógica nas Escolas Waldorf. Ficando claro o objetivo de cada setênio, é desenhado o programa de ensino, ou currículo, num sentido restrito.

Nessa perspectiva, Romanelli (ibidem) ainda especifica o objetivo, ou características da educação em cada um dos três primeiros setênios:

No 1º setênio a imitação é a chave através da qual Steiner afirma que se desenvolve a liberdade no âmbito social. No 2º setênio, uma educação em que o princípio da autoridade vem aliado à aspiração por ideais e permite experienciar a igualdade de direitos entre os homens na vida adulta. No 3º setênio, a educação desperta a sensibilidade, pelo amor que se encontra ligado ao desenvolvimento de todos os seres humanos, tornando possível alcançar a fraternidade, o amor universal.

É certo que para compreender a prática pedagógica desenvolvida em uma Escola Waldorf, de uma forma mais ampla e detalhada, é preciso conhecer as características de cada um dos setênios, no entanto, neste trabalho nos deteremos a destacar a orientação de Steiner para a prática docente na sua totalidade, independente dos setênios, mas não apenas isso, pois como estamos em meio a uma etnopesquisa que tem por objetivo verificar se a Inovação Pedagógica é uma possibilidade ou realidade na Escola Waldorf Anael, situada na cidade de Várzea da Roça/BA, apresentaremos os resultados parciais da mesma, detendo o nosso relato na relação Mediação e Inovação Pedagógica.

3. O PAPEL DO PROFESSOR WALDORF

O professor tem papel fundamental na Pedagogia Waldorf, pois é o responsável por atingir o ser humano por inteiro com a sua prática, por se acreditar nesta Pedagogia que a educação escolar deve preocupar-se com a formação integral dos educandos, a partir do desenvolvimento do ‘pensar’, ‘sentir’ e ‘querer’.

Steiner em toda a sua obra enfatizou o relevante papel do docente como realizador da Pedagogia Waldorf, motivo pelo qual os professores das primeiras Escolas Waldorf do mundo no início do século XX tiveram uma formação específica com o próprio Steiner, afirmando que o professor precisa conhecer bem e acreditar no que ensina. Por essa razão, para ser um professor Waldorf é preciso passar por uma formação específica em que os docentes aprendem sobre o desenvolvimento do ser humano e sua integração no mundo, com uma fundamentação conceitual baseada na Antroposofia, tendo aulas teóricas e práticas, visando aguçar as capacidades anímicas do ‘pensar’, ‘sentir’ e ‘querer’. Vale destacar que nas aulas práticas o professor aprende as diversas habilidades artísticas necessárias a serem trabalhadas com os alunos posteriormente, são aulas de música (canto e instrumento), pintura, desenho, artesanato, dentre outras, sendo esse um diferencial na formação dos professores, pois eles aprendem a prática do que deve ser desenvolvido.

De acordo com Lanz (1998, p.81) “a meta de seu trabalho deve ser a de integrar o ser humano na vida social, não de uma forma qualquer, mas corretamente” e ainda, que o “seu trabalho não visa apenas o intelecto e os sentimentos de seus alunos, mas tem por meta última seu desenvolvimento espiritual e moral, bem como a harmonização do anímico-espiritual com o corpo.” (*ibidem*).

O professor é o responsável pela formação do educando, acompanhando cada etapa do desenvolvimento do mesmo, promovendo uma relação mais íntima no sentido de que o professor possa perceber os avanços ou a ausência destes nos alunos. Para isso, além de relacionar-se no dia a dia da sala de aula, ele deve também manter um contato próximo com os pais de seus alunos, seu cotidiano de uma forma geral, estreitando assim a relação entre professor e aluno. Isso permite que o professor seja mediador da aprendizagem de cada educando, nos diversos campos do saber, haja vista a Pedagogia Waldorf ter além das disciplinas ditas tradicionais, também ter aulas de procedimentos artísticos e artesanais (como aquarela, tricô, crochê) música, euritmia.

4. MEDIAÇÃO E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NESSE CONTEXTO

A forma que essa Mediação Pedagógica acontece na Escola Waldorf Anael sinaliza a existência da Inovação Pedagógica, que no contexto deste trabalho é entendida como uma prática onde há um rompimento com o modelo tradicional da educação, pautado no ensino e

não na aprendizagem do educando, que pouco estimula a criatividade e a autonomia do mesmo. É uma ruptura com uma cultura.

Entende-se a que a Inovação Pedagógica tem estreita relação com a autonomia do educando e não se centra na figura do professor. É a descontinuidade de tudo que vivenciamos no espaço escolar até agora, é a quebra de paradigma e a construção de uma nova forma de fazer a educação, que se baseia em preparar seus educandos não para uma sociedade e exigências do passado, mas sim para o futuro, nos obrigando a construir uma nova concepção do que de fato é ensinar e aprender

Uma Prática Pedagógica Inovadora é aquela que deixa visível em seu cotidiano uma mudança profunda, consciente, que revela uma insatisfação com o modelo vigente de escola, através de pensamento e atitudes críticas que permitem ousar “fazer o novo”, garantindo uma descontinuidade ao que existia até aqui. Vale destacar que o que torna a prática Pedagógica Inovadora não é ele ser diferente ou modificada. Às vezes mudam-se determinadas ações, muda-se a rotina na escola e na sala de aula, mas não há mudança na concepção do que se faz. Continua-se a acreditar em uma educação reprodutivista, em uma educação que visa apenas atender às necessidades e exigências do mercado e apesar de fazer diferente continua vinculado a práticas e saberes do passado.

De acordo com Fino (2011), a Inovação Pedagógica que se espera implica em mudanças mais profundas, em mudanças na cultura escolar, que permitem a criação de novos contextos de aprendizagem, contextos mais amplos, que implicam alterações qualitativas e favorecem a formação integral, formação conjunta de aprendentes e ensinantes, ensinantes não no sentido de alguém que sabe algo e que vai transmitir esses saberes a alguém que não sabe, mas no sentido de alguém que será o facilitador da construção da aprendizagem.

Nesse sentido Fino (2011, p. 7) ainda afirma:

Romper com os contextos do passado e criar os contextos de que o futuro necessita, o que implica uma redefinição do papel dos aprendizes e dos professores, é, no essencial, a função da Inovação Pedagógica, constituída por práticas qualitativamente novas, que bem poderiam ser facilitadas ou estimuladas por mudanças curriculares e organizacionais deliberadas, embora essa seja outra questão.

Enfim, essa Inovação Pedagógica possibilita também uma formação diferente, não mais baseada no estímulo ao desenvolvimento de habilidades cognitivas, mas de múltiplas habilidades, múltiplas inteligências, favorecendo assim uma formação integral dos indivíduos, em que consente o desenvolvimento de habilidades até então deixadas em segundo plano como o pensar criticamente, agir com autonomia, ser criativo, ser capaz de lidar com a mudança, promover e absorver essas mudanças, relacionar-se e conviver com o diferente, buscar a solução para problemas, ser autor e ator social, tudo isso de forma contínua e permanente. Todas essas habilidades além de serem desenvolvidas por meio das práticas educacionais devem ser encorajadas através de situações que são criadas para o exercício das mesmas.

A partir desta perspectiva é que as práticas da Escola Waldorf Anael foram observadas, num contexto de etnopesquisa, objetivando verificar se a Inovação Pedagógica é uma possibilidade ou realidade nesta instituição de ensino.

Neste trabalho é apresentada uma análise parcial dos dados obtidos *in loco*, através da observação participante, entrevistas etnográficas, análise de documentos e conversações

correntes. O trabalho contendo o resultado final desta pesquisa será apresentado em forma de dissertação para obtenção do título de Mestre em Ciências da Educação, na Universidade da Madeira, PT

5. MEDIAÇÃO E INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA WALDORF ANAEL: um olhar sobre a prática

Dentre as características da escola que ousa inovar pedagogicamente destaca-se neste trabalho a formação baseada na experiência concreta e a formação que estimula a criatividade do discente, revelando a importância do docente nesse processo não como um transmissor de saberes, mas sim como um mediador da aprendizagens.

5.1 Uma formação baseada na experiência concreta

Para que essa formação baseada na experiência concreta seja uma realidade é indispensável que se crie um clima e ambiente favorável à aprendizagem, com um planejamento que favoreça a construção do conhecimento que se dá através do contato direto com o objeto a ser conhecido.

Piaget em toda a sua obra, ressalta que o conhecimento resulta da relação entre o sujeito e o objeto a ser conhecido, sendo de suma relevância para o processo de aprendizagem o apoio de experiências concretas que possam ser observadas e manipuladas pelo educando. Nesse sentido, Moraes (2012, p.140) afirma que “o conhecimento não é algo que se transmite, que vem de fora, é, sim, construído mediante ação global do sujeito sobre o objeto, constituído pelo seu meio físico ou social e pela repercussão dessa ação sobre si mesmo.”

Isso implica dizer que a prática Pedagógica deve promover a aprendizagem, mesmo que para isso não haja a prática do ensino, como defende um dos princípios matéticos de Papert (2008). A construção do conhecimento acontece no contato direto com o objeto e o ambiente da aprendizagem. Durante a etnografia realizada foi possível observar essa experiência claramente em diversos momentos.

Na Pedagogia Waldorf, que é vivenciada na Escola Anael, a organização Pedagógica se dá de forma diferente da Pedagogia Tradicional e os conteúdos são organizados por épocas.

Durante a etnografia foi possível acompanhar a Época das Profissões vivenciada pela turma do 3º ano, onde notamos como a experiência prática é valorizada nessa pedagogia e de que forma ela é conduzida no cotidiano dos estudantes.

Antes de estudar as profissões em sala de aula, de escrever textos sobre as mesmas, de fazer pesquisas individuais sobre as profissões que os estudantes consideravam importantes, foi proporcionado o contato direto com elas, partindo sempre de aulas de campo onde era possível, na prática, ver a atuação de cada profissional. Aparentemente essa prática pode parecer algo habitual, mas vale salientar também, que a escolha das profissões a serem observadas e experimentadas fez a diferença.

Na aula de campo que pude acompanhar a turma, fomos a uma olaria, onde são fabricados blocos e tijolos, de forma bem artesanal e bem próprio da localidade. O oleiro acompanhou os alunos nas suas descobertas sobre a fabricação do tijolo e bloco, explicou todo o processo de fabricação, respondeu às diversas perguntas feitas pelos alunos, permitiu que os alunos

pegassem o barro, levassem consigo também e foi um momento de descobertas, de encantamento, que se podia notar no brilho dos olhos dos alunos.

Encerrada a visita à olaria os alunos voltaram para a escola e no dia seguinte foi possível notar as aprendizagens construídas com a experiência vivida. A professora, agora sim, entrou em cena. Até o momento ela acompanhou os alunos deixando-os manipular o barro, olhar o que mais atraía cada um, em alguns raros momentos chamando a atenção daqueles que se dispersavam por estar em um local aberto.

A professora ao entrar em cena no dia seguinte à visita começou a perguntar o que os alunos tinham aprendido com a visita do dia anterior. As respostas dos alunos foram as mais diversas, os aspectos observados por eles foram inúmeros e inusitados. Toda a turma participou avidamente da discussão e aqueles poucos alunos que tinham dificuldade de iniciar a sua fala sobre a experiência vivida, a professora instigava de forma envolvente e estimulante, que logo também os mais tímidos começavam a falar da sua experiência.

Terminado o momento em que os alunos trocavam as experiências vividas, a professora orientou cada aluno a escrever tudo o que tinham falado e também o que haviam aprendido com as observações dos colegas. Interessante que até este momento não se tinha usado papel ou lápis para se fazer registros. Valorizaram-se os registros feitos na memória de cada um.

Os alunos começaram a fazer seus registros escritos e cada aluno fez o seu, ao seu modo, podendo também ter ilustrações. Na Pedagogia Waldorf os alunos têm o lado artístico estimulado a todo o momento. O caderno de cada aluno é uma verdadeira obra de arte.

Outro aspecto que demonstra o diferencial nesta Pedagogia, é que os alunos não têm livro didático, com conceitos a serem estudados e supostamente aprendidos, de forma única para todos os alunos. Os cadernos dos alunos é que são a fonte de aprendizagem, é onde os estudantes tem acesso a conceitos aprendidos, a exemplos, etc, e cada aluno tem o seu caderno/livro diferente um do outro, porque cada um aprende de um jeito, compreende um conceito de uma forma diferenciada, e portanto não existem respostas iguais para todos, nem cadernos iguais, nem livros com respostas prontas, fechadas, sem reflexão sobre elas ou sem significado pessoal para cada estudante.

Mais um aspecto que chamou muita atenção neste momento é que a professora, por conhecer bem a sua turma, sabia que nem todos os alunos estavam no mesmo nível de aprendizagem, e alguns ainda não dominam a escrita. Por essa razão, os 02 (dois) alunos que ainda não escrevem convencionalmente, a professora pediu que eles falassem o que aprenderam para que ela fosse a escriba do texto deles. Ela escreveu na lousa o que eles disseram e depois eles copiaram no caderno individual de cada um e fizeram a ilustração do mesmo com seus lápis coloridos de forma livre.

Dando continuidade ao estudo sobre as profissões os alunos estudaram diversas outras como pedreiro, sapateiro, agricultor, todas elas relacionadas a ações do cotidiano dos estudantes. “Um dos princípios matemáticos propostos por Papert, que ilumina e facilita a aprendizagem, reforça a importância de relacionar a atividade a ser aprendida com algo que já se sabe, que é familiar.” (MORAES, 2012, p.141)

Essa relação com o cotidiano dos estudantes favorece a conexão, que ainda segundo Moraes (2012) quando discorre sobre Papert e a matemática, favorece exponencialmente a aprendizagem.

[...] uma parte deliberada da aprendizagem consiste em fazer conexões entre entidades mentais já existentes com novas entidades mentais presentes em

formas mais sutis e que escapam do controle consciente. Pensar na conectividade do conhecimento esclarece uma das razões pelas quais determinados tipos de conhecimento são tão facilmente adquiridos sem um ensino deliberado. (MORAES, 2012, p.141)

O estudo sobre as profissões passaram a dirigir as brincadeiras dos alunos nos momentos livres e eles passaram a vivenciar as aprendizagens construídas. Como exemplo foi possível ver uma casinha construída pelos alunos, onde cada um montou uma parte, dava uma idéia de qual material usar, como fazê-la ficar mais resistente e tendo o prazer de mostrar a todos a construção deles, sem ajuda de nenhum adulto

Outro momento importante foi após o estudo da profissão agricultor onde os próprios alunos, dessa vez juntamente com os professores, foram arar a terra e preparar uma horta. Ao conversar com os alunos eles sabem falar o passo a passo de como preparar a terra para receber a semente, saber esse que é resultado não da exposição que a professora fez em sala de aula, ou de algo que os estudantes leram em livros, mas sim do contato direto com a experiência, com a vivência prática, o que dá significado e consistência à aprendizagem de cada estudante. Essa vivência traz ‘vida’ ao ato de conhecer, trazendo para a experiência algo de concreto, com sentido também emocional para o ato de aprendizagem, o que é indispensável na Pedagogia Waldorf.

Todas essas práticas e tantas outras observadas *in loco*, reforçam a idéia construcionista de que “a aprendizagem ocorre de uma forma adequada quando a criança está engajada na construção de um produto significativo e tenha sintonia com o indivíduo” (MORAES, 2012, p.141). Nesse sentido é que as práticas propostas pela Pedagogia Waldorf e vivenciadas na Escola Anael no ensino de todas as disciplinas do currículo, partem do princípio do estudante ser um sujeito ativo na construção da sua aprendizagem, fazendo sempre relação com algo do seu cotidiano.

Os textos estudados e escritos, as palavras aprendidas, os problemas matemáticos, todos eles surgem do dia a dia em sala de aula e são trabalhados com estratégias diferenciadas, de forma às vezes aparentemente repetitiva, para que haja consolidação da aprendizagem.

Quando percebemos todos esses aspectos na prática da Escola Anael e tantas outras que não é possível citarmos no corpo deste trabalho, podemos mais uma vez ousar afirmar que a Inovação Pedagógica nesta escola não é apenas uma possibilidade, mas já é uma realidade.

5.2 Uma formação que favorece a criatividade

Apesar de considerarmos que os elementos já apresentados sejam suficientes para responder ao problema desta pesquisa que era saber se a Inovação Pedagógica na Escola Anael é uma possibilidade ou uma realidade, julgamos fator essencial para confirmar o nosso posicionamento a análise sobre a formação que favorece a criatividade dos educandos desta escola.

Concebemos que por muito tempo as escolas negaram aos estudantes o direito de ser criativos e autônomos, isso porque, historicamente, ela se preocupou em garantir que os alunos reproduzissem fidedignamente os conhecimentos cientificamente comprovados. Essa prática é resultado do domínio do paradigma fabril sobre as escolas.

Uma das marcas da Inovação Pedagógica é o rompimento com o paradigma fabril e uma das características desse rompimento é justamente um fazer pedagógico que favoreça o

desenvolvimento de habilidades até então negadas no ambiente escolar, dentre elas a criatividade e a autonomia.

Entendemos a criatividade e autonomia aqui, como a liberdade que é dada ao indivíduo de opinar, de fazer da forma que acha melhor e mais conveniente, de encontrar caminhos diferentes, de fazer o seu ‘modo de caminhar’, porque nem todos precisam caminhar do mesmo jeito e nem pelo mesmo caminho.

O conhecimento é construído de diferentes formas, sem privilegiar esta ou aquele modo de aprender, pois o que existe não é uma maneira certa ou errada, mas sim maneiras diferentes, que estão relacionadas às experiências pessoais de cada um. Isso também se deve ao contexto atual de incertezas que vivemos, pois não existe nada absolutamente certo.

Ao entender que nada é definitivo e absoluto ousamos romper com o paradigma tradicional, fabril, que preconiza a uniformidade, a reprodução, a dependência e incentivamos um novo modo de pensar que é livre, multiforme e criativo. Isso instiga uma reforma do pensamento (Morin, 2007), que favorece a construção do conhecimento considerando o contexto e a realidade de cada indivíduo, estimulando assim a inteligência geral de cada um.

Essa ruptura com um modo de fazer educação historicamente consolidado não é fácil, no entanto é necessário, principalmente no atual contexto de sociedade que vivemos, e na Escola Anael essa ruptura com o modo tradicional de fazer educação também não é fácil, mas é perceptível.

Nas entrevistas com os pais conversamos sobre o estímulo ao uso da criatividade na Escola Anael e todos foram unânimes em dizer que percebem a criatividade dos filhos sendo a florada a cada dia e que isso tem reflexo em casa, principalmente na solução de problemas do dia a dia.

A mãe Maricélia (2013) diz que “com as novas descobertas do filho, o aprendizado não pesa, se torna atraente, estimulante e conseqüentemente ele começa a criar novas possibilidades [...]”

A mãe Joilma (2013) faz uma reflexão interessante sobre a criatividade dos alunos que é estimulada na escola, quando afirma que acredita que “a escola estimula outros tipos de criatividade, pois na Escola Anael explora-se muito o manuseio e transformação de materiais naturais, enquanto as demais escolas trabalham a criatividade com materiais mais ‘sofisticados’”

Nesse sentido, a mãe Maria Vaneusa (2013), quando também questionada se na Escola Anael os alunos são mais estimulados a pensar e usar a criatividade, respondeu que “o brincar livre e o contato com a natureza aliados ao olhar amoroso do adulto, permitem que a filha elabore e crie infinitas possibilidades de ser e estar no mundo. Brincando a criança desenvolve habilidades físicas, afetivas e aprende a ser mais criativa”

Tratando ainda sobre criatividade, a mãe Neilyane (2013) aborda um aspecto interessante e que revela a ruptura com o modelo tradicional da educação. Ela afirma que:

nas outras escolas as atividades vêm todas prontas, desenhos, etc., e aqui na Anael não, ele tem que criar as próprias atividades, pensar nas palavras que precisa escrever que tenham determinados sons que estão estudando, os próprios desenhos, que são todos lindos, coloridos e criativos.

Por fim, a mãe Alexandra (2013) afirma categoricamente: “aqui os alunos são muito mais criativos, eles criam as próprias histórias deles. Acho positivo eles criarem sua própria história, pois eles vão ser os autores e os professores não impõem o que deve ser feito, ele pode refazer, melhorar, modificar sempre!”

Além das respostas dadas às mães nas entrevistas abertas, as professoras também conversaram sobre esse tema. Elas foram perguntadas como a criatividade é trabalhada e a professora N, respondeu que:

As pinturas em aquarela é uma das formas que o aluno é mais estimulado a desenvolver sua criatividade, pois o aluno dá de cara com o erro, com o inesperado e ele tem que criar alternativas novas, sem respostas prontas, que só poderão ser usadas naquela situação.

Já a professora T, revela outro aspecto, já citado por uma mãe, que mostra o estímulo à criatividade do aluno. Ela afirma que “a criatividade é trabalhada quando os conteúdos são trazidos através de histórias, onde a partir daí eles são capazes de criar suas próprias histórias”

A professora D, assevera que “o conhecimento vivo possibilita a criatividade. Esse conhecimento vivo acontece quando se busca no cotidiano, no dia a dia a sintonia com o conteúdo trabalhado.”

Em meio à conversa, a professora N torna a contribuir com a discussão lembrando-se do trabalho que é feito com a pintura em aquarela, pois através deste trabalho os alunos são estimulados a romper com um padrão pré estabelecido de como se deve desenhar ou pintar. Ela ressalta a percepção que tem dos alunos novos na escola, que nunca tiveram contato com o trabalho de pintura com a aquarela. Ela afirma que esses alunos novos não querem deixar as cores se misturarem, só fazem linhas, porque estão moldados a cores diferentes, separadas, não ousam misturar, criar novas cores e novas formas enquanto os alunos que já fazem esse trabalho há mais tempo eles brincam com as cores e formas, fazem sempre novas descobertas e compartilham com os demais.

O trabalho com a aquarela e com os procedimentos artísticos, de uma forma geral, é uma das práticas mais comuns e que mais identificam a Pedagogia Waldorf, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Steiner ao criar e fundamentar essa Pedagogia falava da importância de desenvolver o lado artístico do indivíduo, pois isso auxilia a compenetração, a concentração, auxiliando na capacidade de pensar livremente, de forma criativa.

Em cada setênio, especificamente, é estimulado um tipo de procedimento artístico de forma mais específica, mas em todas as ações desenvolvidas, em todo conteúdo trabalhado, em toda aprendizagem desenvolvida há um estímulo à fantasia, à imaginação, à liberdade de pensamento que a arte permite ao indivíduo. Ademais, o trabalho com artes desde a educação infantil, favorece a melhor alfabetização das crianças. Existe o trabalho de pintura livre como parte dos conteúdos da Aula Principal das Escolas Waldorf, e diversas outras atividades artísticas como o trabalho com formas, com modelagem, com contação de histórias, com música, com o tricô, dentre tantas outras ações desenvolvidas que são estímulos contínuos à criatividade, ao pensamento livre, onde não há modelos a ser seguidos, mas os alunos são estimulados a criarem a partir das suas experiências pessoais, a colocar no papel o seu pensamento, o seu sentimento, as suas emoções.

Na Pedagogia Waldorf entende-se a atividade artística como um incentivo ao desenvolvimento criativo e também criador, estimulando assim a autonomia e a autoria dos estudantes. Isso também sinaliza a Inovação Pedagógica e é um diferencial entre a Escola

Anael, que vivencia essa prática e as demais escolas. Uma mãe, inclusive, trata desse aspecto como um dos diferenciais da Anael em relação às demais escolas. Ela disse que se admira que nunca vá para casa um desenho pronto para seu filho pintar, como nas demais escolas, mas é sempre uma folha em branco onde o filho tem que criar, usando sua imaginação e criatividade, um desenho, ou algum tipo de arte de qualquer que sinalize a aprendizagem construída durante as aulas.

Outro ponto de destaque nesse processo de estímulo à criatividade é o papel que o docente assume. Ele compreende que seu papel é de criar possibilidades, abrir portas, mas não apenas isso, porque alguns alunos estão com suas habilidades tão pouco estimuladas, o senso de criatividade pouco desenvolvido, a autonomia ‘presa’, porque sempre ensinaram como fazer, como responder, qual material utilizar naquela hora, podendo assim o potencial criativo e autônomo do educando, que quando a porta lhes é aberta, eles temem atravessá-la, temem encontrar-se às vezes consigo mesmo do outro lado e por isso precisam da ajuda de alguém para superar o temor e avançar rumo a um novo caminho que lhes é apresentado. Essa ajuda nessa transição é dada pelo professor, que media e potencializa a aprendizagem de cada educando naquela escola, que instiga o pensar e o avançar, que acredita no potencial de cada aluno, que se dedica a estudar para ser o livro que o aluno precisa ler para aprender .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs inicialmente apresentar a Pedagogia Waldorf e o papel do docente mediador das aprendizagens, o que indica a existência da Inovação Pedagógica.

Buscou-se clarificar para o leitor os conceitos que fundamentam este trabalho , a saber, Pedagogia Waldorf e Inovação Pedagógica, com o apoio da vasta pesquisa bibliográfica desenvolvida, bem como apresentar a prática desses conceitos, pois muitas vezes detêm-se na ortodoxia em detrimento da ortopraxia.

É bem verdade que o trabalho ora apresentado ainda não foi concluído, no entanto, é nítido diante da etnopesquisa realizada e dos dados coletados já analisados que a prática da Pedagogia Waldorf realmente é diferenciada e promove aprendizagens incomuns em nossas escolas regulares. É possível também notar a importância do docente no processo de construção da aprendizagem dos educandos e qual o papel que ele desempenha.

Diante do resultado parcial da pesquisa apresentado ao longo do trabalho é possível notar que o professor Waldorf é aquele que através da sua mediação Pedagógica permite a vivência da Inovação Pedagógica, que resulta numa aprendizagem significativa do educando e o desenvolvimento de habilidades como a autonomia e a criatividade, destacadas neste trabalho, mas não apenas isso, também a formação integral do indivíduo no seu pensar, sentir e querer.

REFERÊNCIAS

CARLGREN, Frans; KLINGBORG, Arne. **Educação para a liberdade** – a pedagogia de Rudolf Steiner. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2006.

FINO, C.N. **Inovação Pedagógica, etnografia, distanciamento**. IN: Fino, C. N. Etnografia da Educação. Funchal: Universidade da Madeira – CIE - UMa, 2011.

LANZ, Rudolf. **A Pedagogia Waldorf** – caminho para um ensino mais humano. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Antroposófica, 1998.

MORAES, Maria Cândida; NAVAS, Juan Miguel Batalloso. (orgs.) **Complexidade e Transdisciplinaridade em Educação: teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2010.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. 16 ed. Campinas/SP: Papirus: 2012

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

ROMANELLI, Rosely Aparecida. **A arte e o desenvolvimento cognitivo: um estudo sobre os procedimentos artísticos aplicados ao ensino em uma escola Waldorf**. São Paulo: s.n., 2008. Tese (Doutorado – Programa de Pós Graduação em Educação. Área de concentração: Cultura, Organização e Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

STEINER, Rudolf. **A Educação da Criança segundo a Ciência Espiritual**. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 1996.

_____. **A Arte da Educação I** – o estudo geral do homem, uma base para a Pedagogia. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 1995.

_____. **A Arte da Educação II** – metodologia e didática no Ensino da Pedagogia Waldorf. São Paulo: Ed. Antroposófica, 1992.

_____. **A Arte da Educação III** – *prática educativa*. São Paulo: Ed. Antroposófica, 2000.